



À MEMÓRIA DOS ESQUECIDOS: HISTÓRIA E LEITURA DO MOVIMENTO DOS ESCRITORES INDEPENDENTES EM PERNAMBUCO

Maria Elizabete Sanches (Universidade Federal de Rondônia)

Resumo: Este trabalho tem como objeto a história e a produção poética do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco, bem como a sua origem, seus eventos nacionais e locais, sua prática de retomada da oralidade poética, seus simultâneos processos de produção e divulgação da arte e sua forte relação com as manifestações da cultura popular do Nordeste. Partimos do levantamento dos fatos históricos e culturais em direção ao estudo das obras poéticas dos que formaram o grupo original em Pernambuco para, posteriormente, agregarmos outros autores que se incorporaram às ideias e às teses dos Independentes com o objetivo de, ao final, formar um grande painel histórico e artístico da época, resgatando-lhes à memória dos esquecidos.

Palavras-chave: Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco, História, Cultura.

Francisco Espinhara, um dos mais representativos poetas de Recife nos anos de 1980, em seu livro *Movimento dos escritores independentes de Pernambuco* nos diz:

Dos dicionários mais estranhos, tesouro vocabular de um povo, aos frios compêndios de Ciências, fonte inesgotável de tecnologia, os livros não seriam possíveis sem uma história evidente ou intrínseca. Se dissesse o oposto, que a história não seria possível sem os livros, estaria incorrendo em uma inverdade, pois ela, a História, sempre se houve por si só, acontecendo, ainda que para existir precise de "pensantes" que a façam acontecer. Pode parecer uma contradição, mas a história-história, com raríssimas exceções, nunca foi contada e transcrita a contento, foi sempre a opereta dos poderosos, vencedores, manipuladores, exterminadores, daqueles que fizeram "bom uso" dos seus dicionários e de seus compêndios de "ciências", as histórias circundantes foram sufocadas ou negligenciadas a grupos chamados de minorias étnicas ou éticas".
(ESPINHARA, 2000, p.11)

Este pensamento de Espinhara parece dialogar com o de Roberto Reis em seu estudo sobre o *cânon* no sentido de que "o critério para questionar um texto literário não pode se descurar do fato de que, numa dada circunstância

histórica, indivíduos dotados de poder atribuíram o estatuto de literário àquele texto (e não a outros), canonizando-o" (REIS, 1992, p. 69).

Foi nesta linha que os Independentes de Pernambuco marcharam e, durante o “I Encontro Pernambucano”, estabeleceram uma carta de princípios que contraditoriamente não trazia princípio estético-formal algum, optando, neste aspecto, por certo anarquismo ideológico em relação ao que as elites intelectuais reconheciam como obra de qualidade artística. É isto que registram na “Carta de Pernambuco” e que depois seria adotado como referência no “I Encontro nacional de escritores independentes realizado em Fortaleza”, em 1981.

No Nordeste, os Independentes alcançaram, talvez com maior eficiência, o que pretendiam “os marginais” dos anos de 1970, um anonimato quase absoluto, que salvo raríssimas exceções em nossa literatura, só começa a ser quebrado no início do século XXI, quando alguns críticos e poetas de renome nacional começam a citar parte desta produção em seus manuais. Esse é o caso do professor Afrânio Coutinho que em sua *Enciclopédia de literatura Brasileira* (COUTINHO, 2001, p.1119) inclui o Movimento como verbete.

Na verdade, pagam os Independentes o preço do anonimato, por uma prática ultrapassada de nossa crítica, em que, segundo Roberto Reis, o discurso da chamada alta cultura tem, o mais das vezes, estado a serviço do poder e do Estado: os sistemas sónicos, as práticas significantes (a linguagem cinematográfica da televisão, da ficção, das ciências, da religião) produzem efeitos e moldam formas, de que se tem mais ou menos consciência, que estão relacionadas muito de perto com a manutenção ou transformação dos sistemas de poder existentes. Concordando com Michel de Certeau, diria que estes discursos como que sancionam a força que exerce o poder (1992, p. 69).

O Movimento seguiu em direção a outro grupo de escritores bastante discriminado pela nossa crítica acadêmica, o dos poetas de repente e emboladores do Nordeste, cultuadores naturais da oralidade, marca registrada dos Independentes nos recitais que ocorreram em Recife e Olinda. São mais de setenta registros oficiais destes eventos num intervalo de sete anos e sem

considerar o que era uma rotina do Movimento, como por exemplo, os recitais realizados todos os sábados pela manhã, em frente às Lojas Americanas, na rua sete de setembro, no centro do Recife.

Por essa matriz é possível perceber-se que as lições de Hans Robert Jauss, em *História da literatura como provocação à teoria literária*, são extremamente pertinentes porque neste caso “o histórico na literatura não se esgota na sucessão de sistemas estético-formais; assim como o da língua, o desenvolvimento da literatura não pode ser determinado apenas de forma imanente, através de sua relação própria entre diacronia e sincronia, mas há de ser definido também em função de sua relação com o processo geral da história. (1994, p. 20)” e encontram na prática do Movimento sustentação e sucessividade.

Como movimento urbano, anárquico em relação às normas e cânones, os Independentes parecem mais fazer a história do que propriamente escrevê-la; via de regra poetizam o que vivem e vivem para o que poetizam apontando o que de mais comum aparece na poesia contemporânea brasileira, o espaço urbano que se entremeia de outros espaços e se alimenta de diversas fontes de diferentes períodos de nossa história literária. É isto que estamos pesquisando, além da história do Movimento, nas obras dos autores que formaram o seu núcleo original em Pernambuco, os poetas Francisco Espinhara, Eduardo Martins, Cida Pedrosa, Héctor Pellizzi e Fátima Ferreira. Aliás, a própria história dos Independentes em Pernambuco é demarcada por espaços urbanos do Recife que ficaram na memória cultural da cidade, como diz Eduardo Martins. Em seu texto *Os Independentes no centro de Recife*, esse poeta diz fizeram história lugares como a Praça do Sebo, O beco da fome, a Rua Sete de Setembro, que foi projetada pelo Movimento como Rua da Cultura e que à época abrigava uma das principais livrarias do país, a Livro 7, e onde ocorreram os grandes recitais promovidos pelos poetas do grupo. (MARTINS, 2009, p. 05)

Assim, o espaço semiótico e sensível do movimento não difere do que vem caracterizando a poesia brasileira contemporânea. A urbe é sua marca



registrada na prática da escritura e na forma de fazer chegar ao público esta produção, numa inter-relação entre obra e leitor que se explica por meio da estética da recepção, visto que, de acordo com Jauss:

tal projeto tem de considerar a historicidade da literatura sob três aspectos: diacronicamente no contexto recepcional das obras literárias; sincronicamente no sistema de referências da literatura pertencente a uma mesma época, bem como na sequência de tais sistemas e, finalmente, sob o aspecto da relação do desenvolvimento literário imanente com o processo histórico mais amplo. (JAUSS, 1994, p. 40).

Este projeto a que se refere Jauss talvez seja menos comprometido com as relações de poder propriamente ditas do que entre linguagem e sistema. Nesse sentido, os Independentes se tornaram conhecidos do público da época e continuam nos dias atuais, ainda que geograficamente, esse reconhecimento seja limitado. Na verdade, em relação aos anos mil novecentos e oitenta, a crítica tem privilegiado o estudo da narrativa e esquecido a produção poética do período, o que nos dá a sensação de vazio historiográfico e avaliativo em relação a esta produção e por aí, a crítica histórica deixa de exercer seu papel, abrindo clarões e deixando lacunas.

Esta é a discussão, esta é a paisagem, este é o foco de nossa pesquisa que pretende trazer à memória dos esquecidos a história e a análise desta produção com recorte específico em Pernambuco, mais ainda em Recife e Olinda, territórios identificados ao longo de nossa história literária como berço de grandes poetas e de grandes transformações culturais do país. Assim, o que se pretende é fazer o mapeamento histórico e uma leitura crítica deste território que se move entre 1980 e 1987, ano em que ocorre a dispersão do grupo que deu origem ao Movimento.



Referências

Textos dos autores

ESPINHARA, Francisco. **Vida Transparente**. Recife: Edição independente, 1981.

_____. **Das trevas coração**. Recife: Edição independente, 1981.

_____. **Dose dupla**. Recife: Edição independente, 1994.

_____. **Movimento dos escritores independentes**. Recife: Editora Universitária, 2000.

_____. **Sangue ruim**. Recife: Edição independente, 2005.

_____. **Claros desígnios**. Recife: Edição independente, 1986.

_____. **Teje preso seu rapaz**. Recife, edição do autor, 2007.

FERREIRA, Fátima. **Decomposição**. Recife: Edições Bandavuô, 1981.

_____. **Dedetização dia de festa**. Recife: Edição independente, 1981.

_____. **Asas de sangue**. Recife, Edição independente, 1982.

_____. **Constituição dos gestos**. Edição independente, 1982.

MARTINS, Eduardo e PEDROSA, Cida. **Restos do fim**. Recife: Edição independente, 1982.

MARTINS, Eduardo. **Nu**. Recife: Edição independente, 1981.

_____. **Restim**. Recife: Edição do autor, 1984.

_____. **Eczema no lírico**. Recife: Edição independente, 1985.

_____. **Procissão da palavra**. Recife: Edição do autor, 1986.

_____. **Bandeira: uma poética de múltiplos espaços**. Porto Velho, 2003.

_____. **O lado aberto**. Porto Velho: Edufro, 2004.

_____. **Alberto da Cunha Melo: a palavra solidária**. Edição do autor, 2008.

_____. **Os independentes no centro de Recife**. Edição do autor, 2009.

MONTEIRO, Luiz Carlos. **Na solidão do neon**. Recife: Edições pirata, 1983.



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

_____. **Vigílias. Recife.** FUNDARPE, 1990.

_____. **O impossível dizer e outros poemas.** Recife: Edições Bagaço, 2005.

PEDROSA, Cida e Martins, Eduardo. **Restos do fim.** Recife: Edição independente, 1982.

PEDROSA, Cida. **O cavaleiro da epifania.** Recife: Edição independente, 1986.

_____. **Cântaro.** Recife: Edição Independente, 2000.

_____. **Gume.** Recife, Edição independente, 2005.

_____. **As filhas** de Lilith. Rio de Janeiro: Caliban, 2009.

_____. **Miúdos.** Recife: Editora edições, 2011.

PELLIZZI, Héctor. **Por caminhos de pássaros.** Recife: Edição independente, 1981.

_____. **Pequenos poemas bilíngues.** Recife: Edição independente, 1982.

_____. **Con las ventanas abiertas.** Buenos Aires: Edição do autor, 1985.

_____. **A palavra nua.** Recife: Edição independente, 1991.

TEXTOS SOBRE OS AUTORES

BRILHANTE, Bráulio. Apresentação. ap. In: ESPINHARA, Francisco. **Sangue ruim.** Recife: Edição do independente, 2005.

GONÇALVES, Aguinaldo. A lírica sitiada de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **O lado aberto.** Porto Velho: Edufro, 2004.

LEAL, César. O somatismo de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Eczema no Lírico.** Recife: Edição independente, 1985.

_____. O poeta Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Procissão da palavra.** Recife: Edição Independente, 1986.

MARTINS, Eduardo. A poesia que se vê (ap.). In: PEDROSA, Cida. **Gume.** Recife: Edição independente, 2005.

NETO, Nagib Jorge. **A Literatura em Pernambuco.** Recife: Editora Comunigraf, 2009.



TEXTOS TEÓRICOS DE CARÁTER GERAL

BACHERLARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Trad. J. Dufilho e T. Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço & literatura**. São Paulo: Ribeirão Editora, 2007.

CANDIDO, Antônio. A degradação do espaço. In: _____ **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1967.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como processo In: **Teoria da literatura**, TODOROV, Tzvetan (Org.). Trad. I. Pascoal. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001, (vol.II).

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**. São paulo: Paz e Terra, 2002.

JAUSS. Robert Hans. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. S. tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992**.
PINTO, Maria Cecília de Moraes. Charles Baudelaire, poeta da cidade moderna. In: BARBOSA, Sidney (Org). **Tempo, espaço e utopia nas cidades**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

REIS, Roberto. Cânon. In. JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TODOROV, Tzvetan (Org.). **Teoria da literatura I**. Trad. I. Pascoal. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.